

Guto apresenta
sua obra *Acionada*
à distância por
pistola de raio laser

art_37

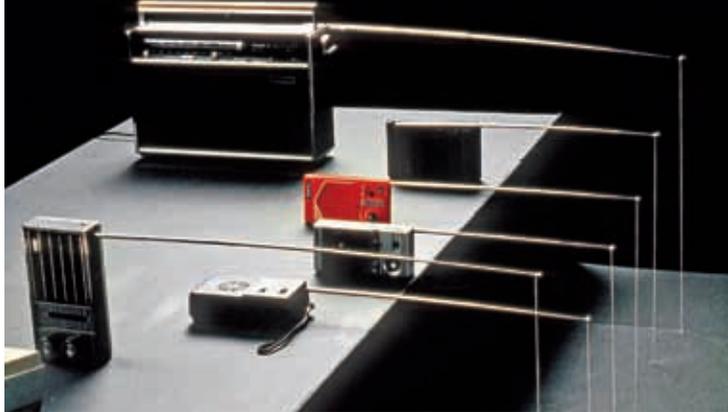
Dono de habilidades de arquiteto, artista plástico e até de técnico em eletrônica, Guto Lacaz ironiza a sociedade industrial contemporânea com sua arte despretensiosa e cheia de humor

POR PAULO KLEIN

O HOMEM QUE RI

Não é fácil definir a arte plural de Guto Lacaz, cidadão emblemático da Pauliceia desvairada, mestre da contemporaneidade urbana. Muito menos o artista. Na aparência, o paulistano Carlos Augusto Martins Lacaz, 62 anos, nada tem de excêntrico – ao contrário, é tímido, discreto, um sujeito “normal”. Mas joga o tempo todo com a ironia e o *nonsense* na produção de uma obra que reflete, brincando, as mudanças impostas pela moderna sociedade industrial à esfera da arte. Para tanto, abusa de sua criatividade sob todas as formas das artes visuais – pintura, ilustração, design gráfico e de objetos, instalação, vídeo, performances. E com que humor!





Algumas “sacadas” do artista: *Rádios pescando*; *Auditório para questões delicadas* (instalação no lago do Parque Ibirapuera) e *Garoa Modernista*



“Ganho dinheiro com as artes gráficas, mas são as

“Rádios pescando” (rádios de pilha enfileirados, com linhas presas às antenas esticadas; “Crushifixo” (uma garrafa do refrigerante Crush fixada em um retângulo de gesso); ou “Óleo Maria à procura da salada” (uma lata do óleo zanzando em uma bandeja vazia) – alguns de seus “clássicos” – são exemplos do olhar espirituoso do artista sobre a vida social contemporânea, que humaniza as coisas e “coisifica” as pessoas.

OMEMHOBJETO

Admirado designer gráfico – responsável por toques de inteligência e fino humor em vários jornais e revistas –, Guto também é capaz de encher um teatro com público interessado em suas invenções sem nenhuma finalidade prática, ou de criar uma instalação de cadeiras flutuantes no lago do Parque do Ibirapuera. Ou, ainda, de recriar todo o universo de Alberto Santos Dumont usando instalações cinéticas, modelos em escala e animações em vídeo, tudo feito com precisão de historiador, inventividade de designer e ousadia de artista.

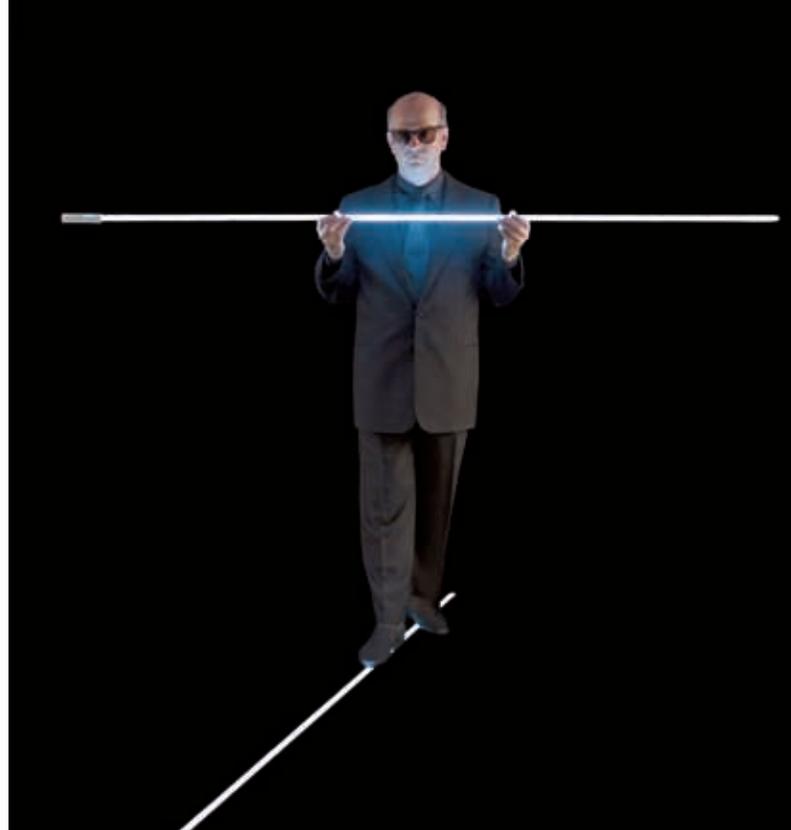
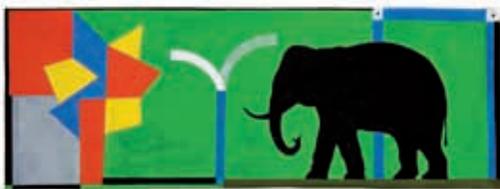
Esses trabalhos e muito mais estão presentes em seu livro *Omemhobjeto* (Décor Books), lançado em março deste ano, que reúne três décadas de uma obra na qual muitos enxergam uma tradição vanguardista iniciada por Marcel Duchamp – revolucionário artista do início do sécu-

lo 20, criador dos ready-mades (literalmente, feitos-prontos): objetos industriais transpostos diretamente de seus espaços utilitários para os salões de arte, como as célebres obras “Roda de bicicleta”, de 1913, e “Fonte”, de 1917 – esta um mictório de banheiro masculino.

Mesmo preocupado em revisar *Omemhobjeto* pela milésima vez, e já em atualizá-lo para a próxima edição, Guto está orgulhoso de seu robusto livro: capa dura, 320 páginas ilustradas com fotos de obras de várias épocas, textos de especialistas e da imprensa em geral, além de outros escritos espontâneos, pinçados de e-mails de amigos, livros de presença de exposições ou singelas cartas de admiradores.

O trabalho foi imenso para organizar todo o material, sob a coordenação do próprio artista e com a ajuda do amigo e fotógrafo Edson Kumasaki, que fez mais de





artes plásticas que me fazem cada dia mais feliz”

39

300 fotos especialmente para a publicação. No livro está a melhor tradição de Guto. E comprova-se sua tese, absurda para os sisudos, de que as artes práticas podem se equiparar às artes plásticas. Mas o artista também confessa: “Ganho dinheiro com as artes gráficas, mas são as artes plásticas que me fazem cada dia mais feliz”.

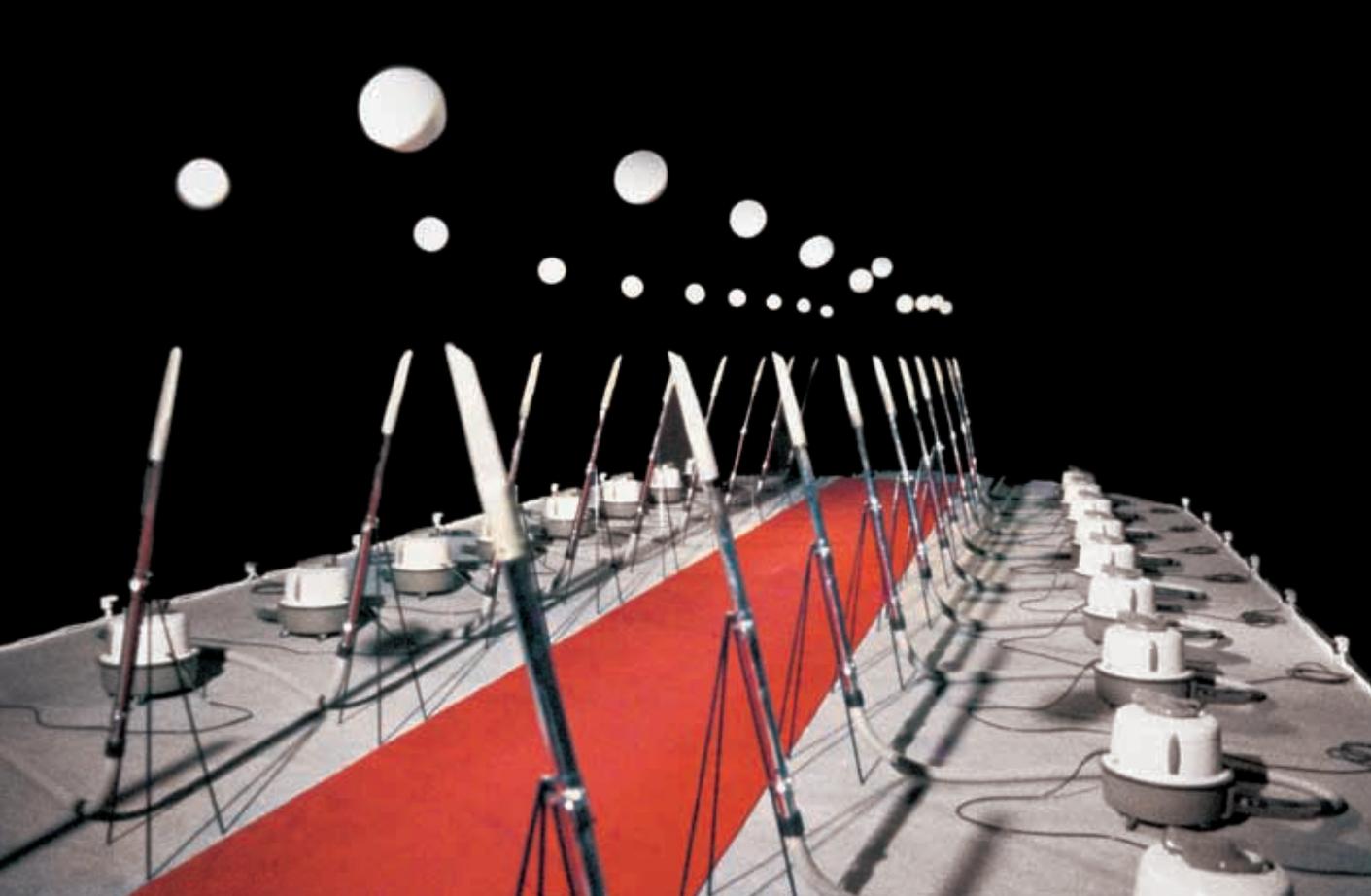
VIDA MONÁSTICA

Na vida pessoal, esse mestre em criar engenhocas perfeitamente inúteis gosta mesmo de funcionalidade. Único habitante de uma ampla casa dos Jardins, reformada por ele, considera-se um homem feliz por levar uma vida simples. “A casa tinha desenho da década de 60, lindo, apenas ajustei ao que eu queria”, explica o artista em ‘momento arquiteto’. Guto formou-se em Arquitetura pela Universidade de São José dos Campos, na época uma escola inovadora que mesclava o espírito de faculdade de Arquitetura com algo parecido com a Escola de Comunicação e Artes (ECA), da USP.

“Derrubei paredes internas e mantive o volume externo. No quintal derrubei o quarto de empregada, a lavanderia, um galinheiro e construí um atelier bacanudo, com pé-direito duplo, uma face toda de vidro e acesso direto ao jardim”, conta Guto. Sua filha Nina, de 11 anos, mora com a mãe, mas sempre visita o pai e passa com ele momentos pra lá de atare-

No alto, a pintura
MG5854; Combaarba
e *Eletroperformance-*
Linha de luz. À direita,
Lógico Equilíbrio;
na página ao lado,
Cabide Móvel





fados. Como aboliu de sua vida a empregada doméstica, Guto – e Nina, quando está com ele – faz todos os serviços diários: limpa, cozinha e coloca em ordem os poucos objetos que possui. “Levo uma vida quase monástica”, revela o artista. “Uso só os objetos indispensáveis e considero importante passar isso para Nina. É bom que cada um limpe sua própria sujeira – quanto mais autossustentável, maior a qualidade de nossa vida”.

Para chegar ao seu atelier “de briga”, localizado no subsolo de um edifício da rua Pamplona, é necessário percorrer um curto labirinto e descer dois lances de escada. Nesse espaço amplo e despojado, sem divisórias, onde trabalha há mais de três décadas, ficam apenas algumas estantes com livros, poucos objetos, equipamentos próprios de uma oficina (torno e prensa, inclusive), mais

uma bancada com os computadores e o telefone fixo. Tudo meticulosamente organizado, simples, funcional.

CABEÇA DE INVENTOR

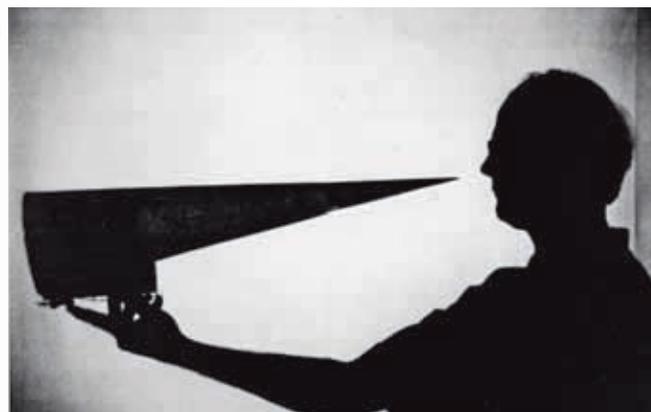
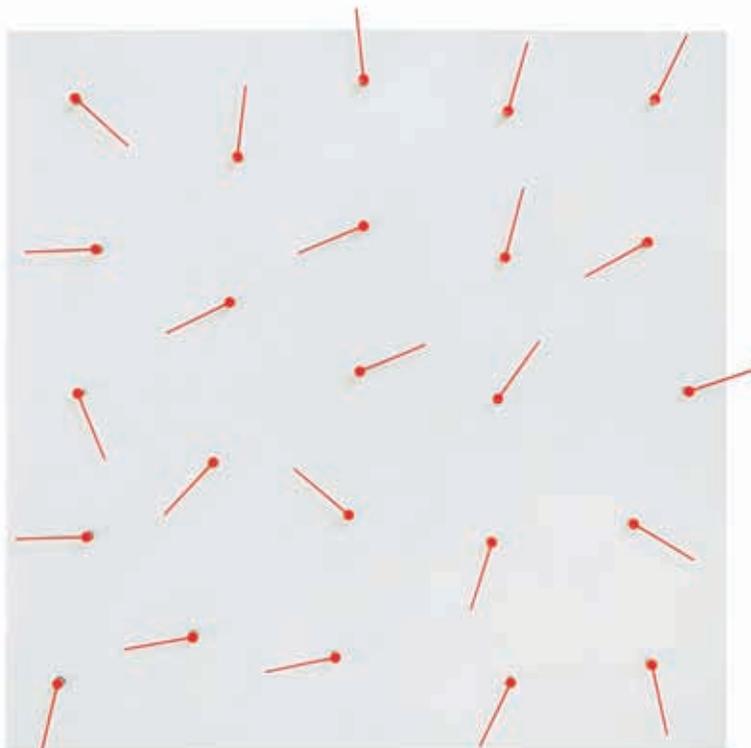
Considerado garoto-problema, quando tinha perto de 11 anos Guto levou bomba no Colégio Dante Alighieri e foi transferido para o Colégio Vocacional. A novidade da nova escola eram as atividades práticas. E, mais interessante, lá não se aplicavam notas, mas conceitos. Os alunos dedicavam-se a trabalhos manuais – encadernação, restauração e reconstrução de objetos. O curso formava técnicos em eletrônica industrial, o que estimulou o garoto criativo a desenvolver sua aptidão para construir e adaptar máquinas, maquetes, aparelhos.

Guto já havia então descoberto também o desenho, com Ruy Pedreira, caricaturista exímio e seu vizinho, um talento para reproduzir qualquer figura ou assunto. Na sequência, encanta-se ainda mais com o desenho durante o cursinho para Arquitetura, tendo por professores dois dos mais importantes artistas plásticos do país atualmente – Carlos Fajardo e Luiz Paulo Baravelli. Foram eles que o influenciaram a cursar aquela escola em São José.

Ambos integram, aliás, a curiosa lista de influências que ocupa as



Nesta página,
Guto4 - Aspiradores
(acima) e **Guto6 - 0022**



Mais três momentos de Guto: *Relógio Para Perder a Hora* (branco e vermelho), *Santos Dumont* e *Retrato Cone*

primeiras páginas do livro de Guto e que inclui do modernista Flávio de Carvalho a Carlos Zéfiro (famoso pseudônimo de um antigo autor de quadrinhos “de sacanagem”), entre muitos outros. Só a lista é uma diversão!

Certo dia, já na faculdade, em 1978, Guto soube de um concurso de móveis e objetos inusitados promovido pelo Museu da Imagem e do Som. Com mil e uma engenhocas já feitas, leu o regulamento e pensou: “Acho que aquelas maluquices que tenho em casa são essa tal de ‘arte inusitada’”. E se inscreveu, com mais de vinte. Qual não foi sua surpresa quando o pai de um amigo, que participara do júri, ligou para dizer que ele havia faturado dez prêmios!

STATUS DE ARTISTA

A exposição foi memorável, com a participação de estreates como ele, mas também de vários artistas já consagrados. E Guto, novato, teve o privilégio de ser, logo de cara, comentado por um crítico de renome, numa importante revista semanal. Pronto, tinha virado artista! Ao falar de suas influências, outra lembrança que vem à

tona é a de quando assistiu ao Concerto para Piano de Cauda e Luvas de Boxe, que outro grande artista de vanguarda, Aguilár, realizou na Pinacoteca do Estado nos anos 80. Assistir àquele cara esmurrando um piano de cauda com pesadas luvas de boxe mudou a vida de Guto. Bastou a cena para ele também partir para realizar performances que, com poucos elementos, tinham a capacidade de provocar a inteligência dos espectadores.

Suas apresentações, sempre com toques de Teatro do Absurdo, começaram em palcos de instituições culturais e hoje lotam auditórios de teatros.

A crítica especializada, por sua vez, não poupa elogios à arte “absurda” de Guto Lacaz. Seu bom humor e seu espírito irreverente cativam também o público leigo. Na pele de um

cidadão calvo, supostamente “normal”, enfim, vive uma unanimidade – Guto Lacaz: um homem que ri e faz rir. 

